

## “OLHA PARA O CÉU, FREDERICO!” ENTRE A MEMÓRIA E A FICÇÃO: UMA POSSÍVEL RELEITURA DE JOSÉ CÂNDIDO DE CARVALHO

### “OLHA PARA O CÉU, FREDERICO!” BETWEEN MEMORY AND FICTION: ONE POSSIBLE READING OF JOSE CÂNDIDO DE CARVALHO

Arlete Parrilha Sendra\*

Ingrid Ribeiro da Gama Rangel\*\*

#### Resumo

Os primeiros movimentos coreográficos que marcaram a chegada da primeira Revolução Industrial a Campos estão presentes na ficção *Olha para o céu, Frederico!* de José Cândido de Carvalho, publicada em 1939. Vendo na ficção um pássaro que pousa no real, observa-o e depois em ziguezagueantes voos e imaginários horizontes planta uma outra realidade, entendemos que a obra inaugural carvalhiana não é ingênua. Ela preserva a memória de um tempo marcado por um embate econômico entre os alambiques em processo de decadência e as usinas que comendo caminhões e caminhões de cana vomitavam fumaças, através de suas chaminés, signos de progresso. A narrativa tem como coadjuvantes factuais o disse-me-disse do Boulevard, as esquinas da Rua 13 de maio e os olhares pouco ou nada discretos dos olheiros da imprensa que tudo registravam nas colunas do “Monitor Campista”.

#### Palavras-chave

José Cândido de Carvalho. Campos dos Goytacazes. Memória social.

#### Abstract

*The first choreographic movements that marked the arrival of the first Industrial Revolution, the fields are present in fiction Olha para o céu, Frederico! Jose Cândido de Carvalho, published in 1939. Seeing a bird in the fiction that lands in the real, watch it and then zigzagging flights imaginary horizons and plant a different reality, we understand that the inaugural work carvalhiana is not naive. It preserves the memory of a time marked by an economic clash between the stills in the process of decay and the plants that eating sugar cane trucks and trucks spewed smoke through their chimneys, signs of progress. The narrative has as supporting the ‘told me – told me’, ‘said the Boulevard, the corner of May 13 Street and looks discreet little or nothing of the scouts in the press that everything recorded in the columns of “Monitor Campista.”*

\*Pós-doutora em Semiótica pela Universidade de Salamanca e doutora em Letras pela PUC/RJ. Professora da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). arletesendra@gmail.com

\*\* Mestranda em “Cognição e Linguagem” pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Professora do Instituto Federal Fluminense (IFF). ingridribeirog@gmail.com

**Key words**

*José Cândido de Carvalho. Campos dos Goytacazes. Social memory*

**Lembranças do acadêmico da Planície Goitacá**

José Cândido de Carvalho<sup>1</sup> tem seu nome entre os melhores escritores campistas. O autor, como escrito em sua breve autobiografia<sup>2</sup>, foi inaugurado: “vinte e quatro horas depois de rebentar a Primeira Grande Guerra”. Meio a um contexto onde os barões eram símbolos de riqueza e poder, José Cândido conta que seu ideal era ser usineiro “viver no último andar de trezentos mil sacos de açúcar”. Não tendo conseguido ser usineiro nem ser funcionário da Leopoldina, seu declarado subideal, José foi trabalhar com as palavras. Primeiro, foram as que eram impressas nos jornais e que se pretendiam factuais. Após ter cumprido o protocolo necessário para ter status na época, possuir diploma de bacharel, José Cândido entregou-se, definitivamente à escrita. Seu primeiro livro nasce dois anos depois de seu diploma. Em 1939 é publicado *Olha para o céu, Frederico!*. O texto é fruto do José jornalista e do Cândido escritor. Enveredando-se entre o real e o imaginário, o factual e o fictício, a obra carvalhiana desvela a memória de seu autor e de sua cidade.

Partindo da compreensão de que toda pessoa é formada, dentre outros fatores, pelo meio social, é possível ler as memórias da Planície Goitacá na obra carvalhiana. O texto de 1939 trata, segundo seu criador (op.cit, p.3), de um “Romance acontecido em Campos dos Goitacases”. Não se trata de um acontecido factual, mas um acontecido imaginário com fatos e cenários reais.

Para escrever o texto sobre ‘Frederico’, José Cândido faz uso não somente da cidade que viveu na primeira metade do século XX, mas da Campos dos últimos anos do século XIX. Apesar de ter nascido em 1914, o autor narra cenários do século que o antecedeu. Segundo Ecléa Bosi (2004, p.73): “A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização.” Durante sua socialização, o escritor campista – como qualquer outra criança criada em uma sociedade – conheceu as memórias das pessoas com as quais teve contato. Tais memórias justificam o fato de o autor ter levado vários

<sup>1</sup> O autor vai ser chamado, no texto, também de José Cândido e José.

<sup>2</sup> A pequena autobiografia foi publicada em *O coronel e o lobisomem* (1988, p.305).

de seus personagens ao Teatro São Salvador. Inaugurado no dia 7 de setembro de 1845, a construção durou 74 anos e – para que fosse alargada a Rua Formosa – foi demolida em 1919. Considerando o ano de nascimento de José Cândido, pode-se concluir que ele não chegou a frequentar o teatro, mas o citou várias vezes. É provável que o autor tenha conhecido o São Salvador do relato dos mais velhos, das memórias dos que o frequentaram. Dependendo da intensidade, os relatos de terceiros são mais coloridos do que a própria vivência. Esta pode ser a justificativa para que o Teatro São Salvador tenha aparecido ao invés do antigo Trianon, existente na maior parte da fase adulta do autor.

Nascido na Rua da Jaca<sup>3</sup> - que também aparece em seu romance – José utiliza, além do cenário e das memórias de seus conterrâneos, um linguajar próprio dos campistas. São palavras cheias de significado como “lengalenga<sup>4</sup>”, “supetão<sup>5</sup>” e tantas outras que ainda permeiam as conversas de “rabo de tarde<sup>6</sup>”, principalmente entre os moradores da baixada da cidade.

### Um Meneses avesso às aparências

A primeira obra carvalhiana é iniciada por uma discussão entre dois jornais: *O Estado e o Monitor Campista*. O jornal escrito exerceu um importante papel social em várias décadas, inclusive nas do século XX. Sem a televisão e os atuais meios de comunicação digitais, as pessoas recorriam aos jornais para obter informações sobre o que acontecia nas cidades e no país. Segundo Isabel Lustosa, o poder da imprensa escrita era constatado com a utilização dos jornais por personalidades do império brasileiro como D. Pedro I e José Bonifácio. A pesquisadora explica que autoridades políticas valiam-se do texto informativo para conquistar a opinião pública. A imprensa, desde seus primórdios, é vista por Lustosa como “O ‘Quarto Poder’, a possibilidade de uso da comprovada força da palavra para chantagear, para obter vantagens pessoais ou apenas para ganhar o próprio sustento alugando a pena” (2003, p.54).

Jornalista desde o início da década de 30, José Cândido de Carvalho sabia que além de influenciar a opinião pública, o jornal era responsável por resguardar

<sup>3</sup> Conta o pesquisador Waldir P. Carvalho (2001:154) que a rua em que nasceu José Cândido é hoje chamada de ‘Voluntários da Pátria’.

<sup>4</sup> “Narração fastidiosa, monótona, enfadonha; ladainha.” (SOARES, 2004, p. 263).

<sup>5</sup> “Subitamente; repentinamente; de súbito; imprevistamente”. (SOARES, 2004, p. 276).

<sup>6</sup> Segundo Álano Barcelos, a palavra é usada significando o fim de alguma coisa. (BARCELOS, 2008, p. 26).

a história. É comum pesquisadores recorrerem a jornais para entender e fazer um levantamento de uma época. Entretanto, pouco se leva em conta a parcialidade dos jornalistas. Espera-se dos jornais, ao contrário da literatura, o factual, a verdade. Esquece-se de que fatos podem ser observados por diferentes pontos de vista e com distintas intenções.

No romance, os jornais apresentam opiniões antagônicas sobre Frederico, falecido proprietário de engenhos e canaviais da São Martinho. Ainda no prefácio da obra, o jornalista Melo Pimenta, do jornal *O Estado*, tece grandes elogios a Frederico. Lendo a publicação, o sobrinho do falecido proprietário de engenho, Eduardo de Sá Meneses, fica irritado e usa André Gonzaga, editor-chefe do *Monitor Campista*, para responder ao *Estado*. Eduardo pediu que André narrasse feitos dos barões de sua família, como os do Barão de Pedra Lisa, que teria sido íntimo de D. Pedro II.

Entretanto, Melo Pimenta escreve sua tréplica valorizando ainda mais Frederico, homem – segundo o jornalista – desconsiderado pela família por ter “gotas de sangue escuro nas veias” (CARVALHO, 2002, p.7). Segundo ‘O Estado’, Frederico teria sido o mais nobre Meneses, pois havia conseguido reerguer o patrimônio da família.

Não satisfeito com o fato de Melo Pimenta ter reduzido os barões de sua família a “pó de traque” (ibid, p. 6), Eduardo resolve escrever Frederico sob sua ótica e, desta forma, dá-se o início do romance. Vale ressaltar o fato de Eduardo exigir que seja preservada a memória que deseja acerca de sua família. Na primeira publicação de Melo Pimenta não havia ofensas aos barões Meneses, apenas elogios a Frederico. Estes elogios valiam com ofensa para Eduardo que não tinha boas lembranças do tio.

Eduardo passou a infância com seu tio Nabuco e foi morar com Frederico, quando tinha dez anos de idade. Em casa de Nabuco, Frederico era narrado de forma negativa. Apesar de ter tirado a fazenda São Martinho da falência, Frederico não era respeitado. Dentre os motivos, pode-se ressaltar - além do fato de o personagem ser mestiço - as características de sua personalidade.

Frederico não se comportava como os barões da família: não gritava, não se auto elogiava, não se importava com as aparências. Era o contrário dos homens detentores de poder da Campos do início do século XX. Por esta razão, Eduardo – que foi apresentado a Frederico por meio das memórias tendenciosas de Nabuco - queria ressaltar apenas as fraquezas do parente, e não as suas glórias. Entretanto, durante a narrativa, o rapaz tece análises sobre o seu tio e confessa:

Nabuco exagerava, aumentava os defeitos do parente. Mandasse que a gente mirasse, com atenção, um certo quadro de Frederico dependurado na sala de visitas do São Martinho. Não era um Meneses alto, de nariz aperfeiçoado. Era um sujeito encardido, de olhos sem força, embaçados. (ibid, p. 40).

Frederico vai sendo aos poucos desvelado por Eduardo. Se no início da obra Eduardo se apoia exclusivamente nas memórias de seu tio Nabuco, durante a narrativa ele vai tecendo suas próprias análises, buscando ler Frederico sobre o seu ponto de vista individual. O homem que ele enxergava como fraco, passou a ser entendido como esperto e audaz. Segundo Eduardo: “Frederico sabia esconder as unhas. Era gavião que voava feito andorinha. (...) Papava as terras dos parentes pobres almoçando com eles à mesa”. (ibid, p. 46). Enquanto seus parentes contavam vantagens e iam à miséria, Frederico se auto flagelava. Sua vida era exaltar as qualidades dos outros. Sábio, tocava no ponto fraco dos homens da alta sociedade. O dono de engenho se preocupava com as terras, os barões queriam status. Frederico se passava por pobre, emprestava dinheiro sem divulgar a sociedade e – lentamente – arquivava em sua gaveta pedaços de terra.

Quando Frederico resolve se casar, toda a família faz chacota. D. Lúcia, sua esposa, era bem mais jovem que o senhor de engenho. Enquanto os barões estavam preocupados com as relações extraconjugais que D. Lúcia, mulher de corpo avantajado, poderia ter, Frederico se preocupava com as terras arrebatadas com o casamento: “Lúcia, estalando nos vinte anos, vinha matar com sua herança a sede de mar que os Meneses sempre tiveram. Agora, com um simples negócio de altar, os mourões do São Martinho ficavam sendo as pitangueiras da praia” (ibid, p. 26). As terras de Frederico iam até Boa Vista e pertenciam ao pai de D. Lúcia as terras de Santo Amaro. Mais uma vez Frederico se mostra distinto dos demais membros da família. Enquanto seus parentes estavam preocupados com a moral, as aparências e a luxúria, Frederico estava preocupado em conquistar o litoral campista.

### **Olha para o céu, Frederico!**

José Cândido narra um fato comum no século passado: a alfabetização das crianças pelos padres por meio da leitura das histórias das vidas dos santos. A

literatura infantil teve início com a coleta dos contos de encantamento e de fadas da oralidade europeia do século XVII. Entretanto, no Brasil, as histórias de figuras da igreja católica foram narradas até o século XX. Padre Hugo de Arimatéia alfabetizou Eduardo falando do martírio de São Francisco e dos milagres de Santo Antônio. Enquanto o menino ficava envolvido com a bondade dos santos, semelhante à da que ouvia de seu bisavô Pedra Lisa, Frederico só dava atenção ao engenho. Padre Hugo sempre chamava a atenção do homem dizendo: “Frederico, olha para o céu!”. Entretanto, Frederico só se identificava com os negócios relacionados à cana. Tal fato incomodava Eduardo, que se sentia cheio de Deus.

Morin (1998, p. 34) explica que os seres humanos são formados pelo “imprinting cultural” que as pessoas encontram já presentes na sociedade. O “imprinting”, que se dá na socialização primária, é a cultura social que o indivíduo não construiu, mas foi imerso ao nascer. Porém, para que o ser continue com a manutenção do dogmático, faz-se necessário que haja a normatização que, segundo o autor, geralmente se dá pela imprensa. O “imprinting” social de Eduardo foi permeado pelos valores da Igreja Católica e também por esta razão, Frederico lhe era estranho. O dono da São Martinho não se preocupava com Deus. Padre Hugo dizia que Frederico chegaria de mãos vazias ao céu. Eduardo sentia-se melhor que Frederico porque tinha os santos. Mas o sentimento do rapaz muda com a chegada de D. Lúcia. Não resistindo mais às provocações da mulher de Frederico, Eduardo narra:

Eu tremia em formato de moça de primeira vez. Parecia uma coisa mole, sem força. Ouvi passos, ruídos de porta. Tudo mentira, invenção de minha cabeça. A cama era larga – senti que caía nos braços dos lençóis. Palavras de Dona Lúcia no meu ouvido. Sua boca sugava a minha. Morcegos, pensei em morcegos. De repente, Dona Lúcia saiu de dentro do vestido, sem nada por cima. E na frente dela, pulando do branco busto, duas belezas redondas vieram cair nas minhas mãos. Fechei o oratório, esqueci o padre Hugo e espanei da cabeça a lembrança dos santos. Tolices, mentira. Minha vontade inchou. Espetei Dona Lúcia. (op. cit., p. 43).

Em um misto de desejo e culpa, Eduardo resolve fechar a porta do oratório e entregar-se à tentação. Pretende se afastar da religião, espantar da cabeça os

santos para se entregar ao desejo sem vê-lo como pecado. Entretanto, o rapaz não consegue fechar, definitivamente, o oratório. Em vários momentos de sua narrativa, Eduardo reclama estar impuro e quando chega à falência declara: “Se morresse agora, embarcaria como um João-ninguém. Nem os santos eu tenho mais, que o gosto deles perdi faz muito tempo”. (ibid, p. 117) Teresa Jesus de Peixoto Faria explicou em artigo publicado pela revista da Academia Campista de Campos (2008, p.100) que: “a Igreja também estruturou o espaço urbano, não só pelas suas construções materiais, mas também porque contribuiu para moldar a sociedade pela influência que ela exercia sobre a vida social da cidade de Campos”.

Na música *O vento*, de Rodrigo Amarante, gravada pela banda de rock Los Hermanos, há o trecho “(que) o esforço pra lembrar/ é a vontade de esquecer...”. Nos versos, assim como explica Le Goff, é mais difícil lembrar o que não se deseja. Eduardo acreditava que poderia esquecer do que não desejava lembrar. Assim procurou fazer com os santos. Porém, Eduardo esqueceu da memória que se faz presente sem ser evocada. Esqueceu-se o rapaz dos vestígios e indícios que, impressos no homem, tornam-se inesquecíveis. Uma vez residentes na camada da memória a longo prazo, algumas histórias e acontecimentos tornam-se sempre presentes. Como a cicatriz que revelou que se tratava de Ulisses a quem o banhava, os ensinamentos da igreja tornaram-se marcas em Eduardo, identificando-o. Mesmo à contra gosto, o oratório manteve-se aberto.

Explica Horácio Sousa que até o centenário campista, em 1935, a igreja católica era soberana. O autor cita a edição do dia 10 de outubro de 1908 do *Monitor Campista* que dizia:

Não se pode negar em nossa nacionalidade a acção regeneradora do catholicismo, imprimindo esse sentimento humanitário que a caracteriza; não há argumentos valiosos capazes de accutar essa influencia tradicional exercida pela alma piedosa dos sectarios da religião christã na alma de um povo em franco período de formação. Pode-se bem dizer que no Brasil, a nacionalidade nasceu embalada pelos psalmos da religião do Golgotha que acompanhando a evolução social do paiz, dissemina-se também, empolgando todas as classes, tornando-se a religião soberana. (SOUSA, 1985, p.220).

Nota-se a posição do jornal em relação à Igreja Católica. Entretanto, mesmo

ficando claro no texto que deveria ser imparcial a admiração pelo catolicismo, pode-se constatar o poder da igreja romana e sua influência na formação dos cidadãos do início do século XX. A imprensa cumpria o papel, ressaltado por Gramsci, de ratificar o aprendizado dado pela família e pela escola. Cabia ao jornal promover a normatização explicada por Morin. Entretanto, a posição da imprensa devia-se também à força que o catolicismo exercia na vida dos campistas. Eduardo, na ficção carvalhiana, ilustra um povo que, criado e educado sob um dogma, não consegue determinar seus próprios pensamentos e carrega consigo o sentimento de culpa desenvolvido ao oratório.

Frederico era rico e casado com uma bela mulher. Eduardo desejava ter os bens do tio. No início do romance, o sobrinho se sente superior ao parente. Pensa estar mais próximo de Deus. Entretanto, quando se entrega aos desejos carnisais, o rapaz vê que também necessita “olhar para o céu”. Para que continue a se considerar superior, Eduardo nega os ensinamentos de Padre Hugo, mas não os esquece. Como se fossem fantasmas, os pensamentos voltam e fazem de Eduardo de Sá Meneses um menino só, assustado e temente dos castigos oriundos de seus pecados: “Nem sei em que oco do mundo anda padre Hugo. Procuo os santos e eles não aparecem. Mais de uma vez ouvi passos nos corredores e na sala de visitas. O vento de São Martinho é astucioso” (op. cit., p. 118) .

Percebe-se que, no final da narrativa, Eduardo vê as lembranças dos santos como fantasmas, ou sentimentos de culpa, que passam a lhe perseguir. Durante todo romance, José Cândido escreveu São Martinho antecedido pelo artigo ‘o’. Tal observação pode ser constatada no trecho: “A chaminé do<sup>7</sup> São Martinho podia escurecer o céu...” (ibid, p. 19). Nesta fala, como em muitas outras de Eduardo, o artigo é utilizado para representar a palavra engenho, implícita no texto. Entretanto, no final de suas memórias, Eduardo fala do astucioso vento “de São Martinho” (ibid, p. 118). Considerando que São Martinho é o nome próprio de um santo da igreja católica, é dispensado o uso de um artigo que o defina. Partindo desta análise, pode-se concluir que o que assustava Eduardo não eram os sons do engenho, mas dos santos que residiam em sua memória. São Martinho<sup>8</sup> é um santo peruano. Mestiço, como Frederico, foi rejeitado por seu pai espanhol de pele branca. O santo é caracterizado pelo sofrimento, exclusão, severos jejuns e autopenitências. Eduardo temia, após os pecados, a penitência que as lembranças de São Martinho

<sup>7</sup> O grifo é nosso.

<sup>8</sup> A biografia do santo foi encontrada no site <http://www.cancaonova.com> – acesso: 06/11/2011.



diziam que ele deveria cumprir. No final do romance, José Cândido revela que o nome da propriedade de Frederico foi proposital e que os dogmas com os quais a criança tem contato, podem permear para sempre suas lembranças.

### **A revolução industrial campista**

A história da cidade de Campos dos Goytacazes é marcada pelo cultivo de cana de açúcar. À cana, devem-se os títulos de coronéis e barões do município. Explica Jorge Renato Pereira Pinto que a atividade canavieira campista surge em meados do século XVII. O estudioso relata que em 1783, Campos contava com 278 engenhocas e produzia 125.580 arrobas de açúcar. Já em 1828, eram 700 engenhocas, além do engenho a vapor. Mas, apesar do aumento no número de engenhos e de cana plantada, Campos não tinha conhecido o desenvolvimento oriundo da Revolução Industrial: “O lavrador ainda era um primário e desconhecia qualquer apetrecho mais moderno. Em plena Revolução Industrial, o lavrador campista ainda não sabia o que era o arado. Usava enxada rudimentar e o braço escravo”. (PEREIRA PINTO, 2006, p. 167).

As usinas surgem, em Campos, no final do século XIX. Entretanto, alguns engenhos permaneceram em funcionamento. No primeiro livro carvalhiano é possível conhecer parte do ciclo do açúcar campista. José Cândido de Carvalho fala da Campos antes de antes da Segunda Guerra Mundial. O personagem principal do seu primeiro romance, Frederico, era um proprietário de engenho que batia no peito e dizia que estava no trabalho do cultivo da cana desde 1849, quando ainda não tinha sido proclamada a República. Considerando que Frederico viveu por volta de 50 anos, a obra de José Cândido trata da Campos em seu rico momento. A cidade fluminense manteve, dos tempos do Império ao século XX, o título de uma das maiores produtoras de açúcar do país. Entretanto, segundo conta Orávio de Campos Soares (2004, p.55), na segunda metade do século XX: “Os herdeiros dos coronéis do açúcar passaram a conhecer, de perto, as agruras da decadência”.

José Cândido trata da Campos rica. Porém, o autor ressalta a necessidade de sagacidade ao empresário. Na ‘primeira revolução industrial campista’, muitos proprietários de engenho foram à falência. Frederico não olhava o desenvolvimento tecnológico de forma eufórica, mas cautelosa. No romance, o fazendeiro Quincas de Barros beira à falência por pegar empréstimo com estrangeiros para adquirir

maquinário novo e levantar uma usina. Quincas era inteligente, mas se esqueceu de que “fome de usina é diferente”. Não havia cana que desse conta da São José. Quincas acreditava nos estrangeiros quando diziam que das “gangorras de açúcar mascavo a gente só aproveita a tacharia. Assim mesmo para servir de bebedouro do gado” (op. cit., p. 67). Frederico, em seu jeito calmo e esperto, não debatia, concordava com o marido da prima de sua esposa e vendia a cana que sobrava da São Martinho para alimentar a fome da São José. Narra Eduardo que, ao contrário da usina de Quincas, “O engenho de Frederico, com moenda tocada à caldeira, era uma fábrica limpa de dívidas” (ibid, p. 64). Não importava a Frederico o status de senhor do açúcar. Não ficava o mestiço Meneses escravo das fraquezas humanas. Importava-se com o que pensava e não com o que pensava a sociedade. Frederico observou calado a falência de ingênuos ‘entendedores do ramo de açúcar’ seduzidos pelas belezas tecnológicas. A chaminé da São Martinho era formiga perante a da São José, mas era Frederico que acumulava dinheiro e propriedades.

Quincas de Barros precisou da morte de Frederico para se reerguer em definitivo. Com a herança dividida entre Eduardo e Dona Lúcia, Quincas – após o falecimento de sua mulher Freda – casa-se com a viúva de Frederico. Dona Lúcia novamente mata a sede de cana de um homem. Primeiro a de Frederico, depois a de Quincas de Barros.

Eduardo só herdou do tio o dinheiro, o jeito para os negócios era fruto dos barões de sua família. Gritava com os empregados sem ouvi-los, confiava em parentes de suas amantes. Pouco tempo após a morte de Frederico, o rapaz levou a São Martinho a falência. Eduardo termina o romance procedendo como vários dos usineiros falidos da cidade, cobra favores aos políticos que ajudou a eleger:

O Doutor Abelha Figueiredo, que ajudei a subir na política, diz que vai arranjar para mim um posto de quinhentos mil-réis por mês numa repartição do governo. (...) Afinal de contas, não sou melhor nem pior do que ninguém. E é sempre uma garantia mamar no governo. Paguei muito imposto, fui comido e recomido pelo pessoal do fisco. Vou descontar agora. (ibid, p. 117-119).

Eduardo oscila entre o ideal e o subideal de vida de José Cândido de Carvalho. Vai do alto dos sacos de açúcar ao emprego público. Segue o jovem

o mesmo destino de seu primo Carlos e de seu tio Nabuco, vai ser funcionário público. O texto prometido publicamente no *Monitor Campista* como resposta às ofensas e declarações Melo Pimenta, do jornal *O Estado*, termina diferente do que pretendia seu narrador. Eduardo de Sá Meneses, ao contar o Frederico que conhecia, resgata memórias que pretendia esquecer e relê a sua vida. Refletindo sobre o seu passado, ressignifica seu tio e a própria história de sua família e apresenta aos leitores do *Monitor Campista*, ao menos os da ficção, a sagacidade de Frederico e a fraqueza dos homens bem vestidos que viviam de aparências.

### Considerações finais

*Olha para o céu, Frederico!* narra, em um misto de realidade e ficção, a Campos dos alambiques, dos engenhos e das primeiras usinas. No romance, pode-se desvelar o linguajar, os hábitos e os preconceitos de uma terra que, como conta Orávio de Campos Soares (2004, p.53), tinha “um cinturão verde em torno da zona urbana do município”. Pode-se, por meio dos relatos do narrador-personagem Eduardo, conhecer a cidade das aparências e da frágil força dos barões.

Entretanto, a obra de José Cândido – despida de ingenuidade - traz mais que ficção e memórias campistas. O texto carvalhiano atravessa o tempo e promove diálogos com o leitor do século XXI. Por meio do relato da ingenuidade dos proprietários de engenho perante a Revolução Industrial, pode-se encontrar o homem pós-humano que acredita que a revolução tecnológica tornará sua vida melhor. Acredita-se, por exemplo, que o acesso à internet, com alta velocidade, e a inclusão de computadores nas salas de aula – por si só – tirarão o homem da ignorância.

A cidade, que já esteve voltada – em tempos que antecederam Benta Pereira – para a agropecuária, aparece na história factual e no romance como grande produtora de cana. Os tempos mudam, mas os comportamentos em relação à atividade econômica apresentam semelhanças. A “monocultura canavieira” (op. cit., p. 54) cede espaço para a exploração do petróleo. Mais uma vez a cidade vê sua economia pouco diversificada.

Enveredando-se nos relatos de Eduardo, o leitor do terceiro milênio também pode verificar que há muito o homem se alimenta de signos. Os barões e coronéis do açúcar preferiam perder suas terras a mostrar fraqueza perante a sociedade. O sobrinho de Frederico narra que, mesmo em fase de falência financeira, os

homens considerados “importantes” gastavam com luxos que não mais podiam usufruir somente para manter o status social. O tamanho da chaminé das usinas também mostrava força. Mesmo devendo aos estrangeiros, mesmo tendo hipotecado suas terras, Quincas de Barros se orgulhava a ver a chaminé da São José a vomitar fumaça: signo de progresso e poder. No presente ano de 2011, é possível enxergar vários Quincas, Eduardos e Nabucos, não apenas no Norte Fluminense, mas espalhados pelo Brasil. São carros que valem mais pelo status do que pela facilidade na locomoção; roupas que são escolhidas exclusivamente pela marca; casas que – como os velhos casarões do Brasil Império – demonstram a posição social de seus donos; signos de poder do mundo que denominam pós-moderno.

Eduardo de Sá Meneses a partir de uma guerra entre editoriais, notória também na Campos contemporânea, ressignificou e reviveu suas próprias memórias. A ficção carvalhiana é reescrita e também ressignificada por leitores de plurais cronotopias porque não é fechada, é lúdica e passível de diferentes hermenêuticas.

## Referências

BARCELOS, Álvaro. Em torno dos falares da Baixada Goitacá. *Revista da Academia Campista de Letras*, Campos dos Goytacazes, RJ, v.6, n. 1, p 11- 27, 2008.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARVALHO, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

\_\_\_\_\_. *Olha para o céu, Frederico!:* romance acontecido em Campos dos Goitacases. 8 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

CARVALHO, Waldir P. *Gente que é nome de rua*. Campos dos Goytacazes, RJ: Vonetos e Filhas, 2001. v.3.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo, SP: Círculo do livro, 1979.

LE GOFF, J. *História e memória*. São Paulo: Unicamp, 1996.

LUSTOSA, Isabel. *O Nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MORIN, Edgar. *O método 4 – As ideias: habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre, RS: Sulina, 1998.

PEREIRA PINTO, Jorge Renato. O campo das delícias. *Revista da Academia Campista de Letras*, Campos dos Goytacazes, RJ, v.6, n.2, p. 22-26, 2008.

\_\_\_\_\_. *Um pedaço de terra chamado Campos – sua geografia e seu progresso*. 2 ed. Campos dos Goytacazes, RJ: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2006.

PEIXORO FARIA, Teresa de Jesus. Confronto de práticas e lutas de representações na construção do urbano: Campos dos Goytacazes/RJ século XIX. *Revista da Academia Campista de Letras*, Campos dos Goytacazes, RJ, v.6, n 1, p. 87-105, 2008.

SENDRA, Arlete Parrilha. *Embornal – de ensaios literários para leituras a granel*. Campos dos Goytacazes, RJ: Academia Campista de Letras, 2010. (Série Múcio da Paixão – II).

SOARES, Orávio de Campos. *Muata Calombo – consciência e destruição*. Campos dos Goytacazes, RJ: Fafic, 2004.

SOUSA, Horacio. *Cyclo Aureo: história do 1º centenário da cidade de Campos, 1835 - 1935*. 2 ed. Itaperuna, RJ: Damadá, 1985.